

Por que não é possível não estudar **Ciro Marcondes Filho** e sua Nova Teoria da Comunicação

*Why it is not possible not to study **Ciro Marcondes Filho** and his New Theory of Communication*

*Por qué no es posible no estudiar a **Ciro Marcondes Filho** y su Nueva Teoría de la Comunicación*

Luiz Signates

Universidade Federal de Goiás
<signates@ufg.br>

Resumo

Trata este trabalho do percurso desenvolvido pelo professor e pensador **Ciro Juvenal Marcondes Filho**, da Universidade de São Paulo, na construção de sua Nova Teoria da Comunicação. Nesse percurso intelectual, busca-se demonstrar o vigor teórico da proposição feita por esse autor, oriundo do diálogo que empreendeu com os principais pensadores da filosofia e das ciências humanas e sociais, desde a Grécia antiga. Destacam-se ainda a originalidade e a fundamentação dos conceitos e categorias criados por **Marcondes Filho**, especialmente a noção forte de comunicação, a fenomenologia da razão durante, a abertura da teoria para a investigação do novo e o "quase-método" decorrente. Assim, examinam-se as principais repercussões de suas ideias e a fraca fortuna crítica obtida, para, finalmente, defender a indispensabilidade de seu estudo pelo campo da comunicação.

Palavras-chave: **Ciro Marcondes Filho**. Nova Teoria da Comunicação. Epistemologia da comunicação.

Abstract

this work shows the development by **Ciro Juvenal Marcondes Filho**, from the University of São Paulo, in the construction of New Theory of Communication. In this intellectual journey, we seek to demonstrate the theoretical strength of the proposal made by this author, arising from the dialogue with the main thinkers of philosophy and the human and social sciences, since ancient Greece. We also demonstrate the originality of the concepts and categories created by **Marcondes Filho**, especially the strong notion of communication, the phenomenology of reason during, the opening of theory to the investigation of the new and the resulting "quasi-method". However, we exam the main repercussions of his ideas and the weak critical fortune obtained, in order, finally, to defend the indispensability of their study by the field of communication.

Keywords: **Ciro Marcondes Filho**. New Theory of Communication. Epistemology of communication.

Resumen

Este trabajo trata de la trayectoria desarrollada por el profesor y pensador **Ciro Juvenal Marcondes Filho**, de la Universidad de São Paulo, en la construcción de su Nueva Teoría de la Comunicación. En esta trayectoria intelectual, buscamos demostrar la solidez teórica de la propuesta realizada por este autor, fruto del diálogo que entabló con los principales pensadores de la filosofía y las ciencias humanas y sociales, desde la Antigua Grecia. También se destaca la originalidad y fundamentación de los conceptos y categorías creados por **Marcondes Filho**, especialmente la noción fuerte de comunicación, la fenomenología de la razón durante, la apertura de la teoría a la investigación de lo nuevo y el "cuasi-método" resultante. Además, se examinan las principales repercusiones de sus ideas y la débil fortuna crítica obtenida, para, finalmente, defender la indispensabilidad de su estudio en el campo de la comunicación.

Palabras clave: **Ciro Marcondes Filho**. Nueva Teoría de la Comunicación. Epistemología de la comunicación.

Não é incomum em qualquer meio cultural ou acadêmico os grandes autores serem reconhecidos apenas postumamente. No Brasil, isso não raro ocorre mais amiúde, em razão de problemas históricos que perpassam uma cultura de baixa autoestima e pouca tradição cidadã.

Nesse sentido, vez por outra surpreendemos trabalhos dignos de nota, merecedores de destaque pela originalidade ou pelo vigor de pensamento, serem ignorados ou superficialmente criticados, restando a seus autores uma luta penosa por legitimação ou, ao menos, tratamento sério, digno do trabalho que apresentam.

Neste trabalho, trataremos do percurso de um desses autores. **Ciro Juvenal Marcondes Filho**, professor da ECA-USP, autor de meia centena de obras e criador da Nova Teoria da Comunicação (NTC), falecido em novembro de 2020, foi sem dúvida um dos maiores e mais densos intelectuais do campo da comunicação do Brasil.

O objetivo aqui é percorrer, rápida e sinteticamente, a construção da sua obra seminal e, com isso, a partir da análise alguns de seus *insights* originais e contribuições teóricas, ressaltar a enorme contribuição de seu pensamento para o debate teórico e epistemológico da comunicação no Brasil.

Percurso erudito de uma construção teórica

Poucos sabem a história da construção da Nova Teoria da Comunicação (NTC). Em uma de suas obras (MARCONDES FI-

LHO, 2010), ele compôs essa trajetória em três fases distintas: a primeira foi iniciada em 1989, assim que ele concluiu os estudos sobre psicanálise da comunicação, quando ele começou a ministrar uma série de 23 cursos de pós-graduação voltados para a nova teoria; em 1992, ele cria o NTC¹ – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Novas Tecnologias, Comunicação e Cultura, e lança a revista *Atrator Estranho*, que publicou 47 volumes, a partir de 45 encontros e debates havidos; e, por fim, em 2000, o NTC dá lugar ao Filocom, após o que as principais obras da Nova Teoria da Comunicação são publicadas.

Reproduzo neste trabalho trechos do relato ainda inédito, feito pelo próprio **Ciro Marcondes Filho**, no dia 20 de abril de 2019, em mensagem enviada dentro das tratativas para o estágio de pós-doutoramento que iniciei em 2020 e que foi interrompido por sua morte. Nesse texto, ele contou as principais atividades do percurso que fez e que culminou na proposta teórica que temos a estudar.

O primeiro trecho do relato dá conta de um fato pouco sabido, mas importante para um estudo criterioso da obra de **Ciro Marcondes Filho**: a de que a sequência das suas publicações nem sempre confere com a cronologia do desenvolvimento de seu pensamento.

Na década de 1990, desenvolvi vários cursos de pós-graduação na ECA sob o título “Nova Teoria da Comunicação”. Na época, discutia-se o Anti-Édipo, de Deleuze e Guattari, A crítica da razão cínica, de Peter Sloterdijk,

1 Importante chamar a atenção aqui para a coincidência da sigla “NTC”, originalmente referente ao Núcleo de pesquisas, e que este trabalho utiliza para designar, de forma econômica, a própria teoria de Marcondes Filho. Para todos os efeitos, sempre que nos referirmos a “NTC”, estaremos designando “Nova Teoria da Comunicação”, exceto nos casos em que se referir ao Núcleo, quando, para efeito de clareza, faremos acompanhar, como neste momento, da sua designação completa.

O antiquismo do homem, de Günther Anders, alguns textos de Kamper, Bataille, Nietzsche, Heidegger, Eco, muitos deles reunidos na obra *A arte de envenenar dinossauros*, publicada tardiamente em 2014, pela Casa das Musas, de Brasília. Mas, nesse tempo, ainda não havia chegado a uma ideia do que seria uma “nova teoria”.

A NTC não emergiu de uma mera insatisfação teórica ou epistemológica. Seu embrião foi um receio profundo do eventual retorno dos “répteis”, a que Marcondes denominava “dinossauros”, representados sobretudo pela sombra do golpe de 1964, que até hoje espreita a política brasileira. Essa indignação profunda transformada em debate, emergiu em textos em que a teorização em comunicação, incluindo alguns debates sobre estética, foi combinada com o sereno protesto contra as diferentes formas de violência.

À parte disso, algumas intuições enunciavam o que seria a NTC. O fascínio do olhar estético apropriado à fotografia, como elemento de abertura para o sentido do objeto, isto é, como possibilitador de seu aparecimento, bem como os aspectos de negação de possibilidades implícitos na estética da publicidade e da televisão. A procura por uma comunicação não espelhada, isto é, em que o outro não fosse idealizado como reflexo do eu. E, sobretudo, a defesa de um “quase-método” para os estudos de comunicação, no qual Ciro Marcondes Filho efetua um intenso debate com os principais epistemólogos do século XX.

Destaca-se, também, o diálogo que empreendeu desde o início com a filosofia contemporânea. Dois exemplos se des-

tacam, no livro que citou. De Nietzsche, Marcondes Filho colhe o protesto dionisíaco contra os sentidos apolíneos de uma racionalidade instrumental, mas não deixa de perceber as contradições do pensamento nietzscheniano. E em Heidegger, ele discutirá a velha questão da técnica, dentro do escopo de sua filosofia do ser e do ente, que seria metafísica consumada, na medida em que “configura decisivamente a imagem do mundo e estabelece *a priori* o modo como as coisas aparecem” (MARCONDES FILHO, 2014, p. 99). No grande filósofo alemão, nosso autor percebe, apesar das controvérsias entre os seus intérpretes, “uma postura de crença nas possibilidades do homem, apesar do mundo da angústia, apesar do mundo marcado pela preocupação” (MARCONDES FILHO, 2014, p. 101).

Essa esperança forrada de crítica erudita, Ciro Marcondes Filho devagar vai transformando em uma busca teórica específica, pelo especificamente comunicacional.

No ano de 1999, durante meu estágio de pós-doc em Grenoble, me veio à mente uma intuição a respeito da comunicação, a que eu chamei, para desenvolvê-la, de “caminho do meio”. Segundo ela, (a) comunicação é um enigma; (b) posições consolidadas em ciência necessariamente reprimem o novo, em especial, o mutante, o instável; (c) é preciso dar-se legitimidade ao transitório; e, finalmente, (d) apostar no “durante”; toda essa proposta sintetizada no livro O espelho e a máscara.

A referência específica é ao Capítulo 6 do livro citado, em que Marcondes Filho assume a ideia de que o modo de legitima-

ção da ciência não cabe por inteiro para o campo da comunicação, por conta da necessidade de descobrir o novo que é própria dos estudos dessa área. Desvela-se, então, pela primeira vez, para o autor, a natureza performática da comunicação, que o fez propor uma leitura fenomenológica centrada no “real-enquanto-tal” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 220), ancorada numa racionalidade da “coisa funcionando” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 221), a razão durante. Na sequência desse texto, **Ciro Marcondes** estabelece os limites de várias dicotomias – ordem e caos, repouso e movimento, estrutura e processo – e opta por uma epistemologia da indeterminação, da complexidade, da mudança.

Estava lançada a pedra fundamental da NTC. Restava agora dar solidez às bases filosóficas da nova proposta e isso ele fez num debate minucioso com os filósofos, com o objetivo de consolidar um conceito de comunicação suficientemente sólido e bem definido, para cumprir o papel de pilar central da construção a ser feita. Esse foi o empreendimento da primeira década do século XXI, com a criação do Filocom, o Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação, “herdeiro intelectual do NTC – Centro de Estudos e Pesquisas em Novas Tecnologias, Comunicação e Cultura, fundado em 1995 e extinto em 2000” (FILOCOM, s.d.).

Em março do ano 2000, com a criação do FiloCom, iniciou-se a elaboração da Nova Teoria a partir dessa intuição inicial, começando com a pesquisa do conceito de comunicação na história da filosofia. Era preciso fazer todo esse percurso em busca dos olhares que legitimassem

essa primeira hipótese de trabalho. Esse trabalho preliminar está exposto num livreto meu chamado Até que ponto, de fato, nos comunicamos?, publicado em 2004, pensado para os alunos ingressantes nas faculdades de comunicação, onde se tenta fazer uma panorâmica das transformações do pensamento filosófico ocidental desde os antigos gregos até o presente. Nesse mesmo livro, na sequência, há em esboço uma discussão sobre a evolução da ideia de comunicação nesse mesmo espaço de tempo, segundo os filósofos.

Num livro de bolso, de pouco mais de cem páginas, escrito para graduandos, **Ciro Marcondes Filho** demarcou o ponto central da NTC. Após percorrer em textos breves, sintéticos e didáticos, praticamente toda a história da filosofia, dos pré-socráticos aos contemporâneos, culminando num debate em que refuta a *tournée linguistique*, que submete todo o humano à linguagem, ele recuperou uma certa historiografia da comunicação e efetua a pergunta fundamental: “Até que ponto, de fato, nos comunicamos?”

Cinco “teses” são defendidas por ele, ao final. Fortes e polêmicas, situam aquilo que será a marca central da NTC: a da incomunicabilidade como característica fundamental em tudo o que se pensa e se diz sobre comunicação. Numa rápida síntese, **Marcondes Filho** verbera contra a comunicabilidade inscrita na própria linguagem; apoia a tese luhmanniana da psiquê humana como sistema fechado, incapaz, pois, de se comunicar; e estabelece o extralinguístico – o sentimento, a sensação, o sensível, a percepção em Merleau-Ponty – como fundamento da experiência comunicacional genuína.

Paradoxo da comunicação: revelamos tudo o que temos, pensamos, sentimos pelo nosso olhar, pelo nosso rosto, pela nossa pele. Eles são a superfície porosa que mostra nosso interior, que nos põe a nu, que nos revela, que nos trai. Ao mesmo tempo, forjamos, disfarçamos, dissimulamos, pomos uma máscara, tentamos manipular a impressão que o outro tem de nós por meio de manobras claras e pensadas de nosso rosto, de nossos olhares, de nossa postura corporal. A linguagem é como uma roupa (social, pretensamente comunicativa) com que cobrimos a transparência de nosso corpo nu. (MARCONDES FILHO, 2004, p. 96).

É nesse ponto que Ciro Marcondes Filho efetua a disjunção entre comunicação e interação. Para ele, os relacionamentos humanos constituem obstáculos, que comprovam e reforçam o solipsismo e a ilusão das formas modernas de contato. A comunicação, assim, estaria além da norma, além das convenções, além dos meios. A regra é a incomunicação, seja por definição, seja por abrangência. A comunicação só é possível pela intersecção dos sentimentos e, ainda assim, quando há um impacto, o momento qualitativo da percepção, da sensibilidade, do arrebatamento pelo outro.

Mas, evidentemente, a construção do conhecimento teórico não pararia por aí. A generalização da incomunicação – circulação majoritária de sinais e informações, sem comunicação – seria reforçada pelos estudos que Marcondes Filho empreendeu da teoria de sistemas sociais de Niklas Luhmann.

O que se acrescentou às ideias iniciais nessa época foi a proposição de Niklas

Luhmann, reproduzida num livro português, apresentado por J. Pissarra, A improbabilidade da comunicação, de 1992, de que “comunicação – ao contrário do que se imagina – é um fenômeno raro”. A investigação dessa tese deu novo alento à pesquisa da Nova Teoria. Esse foi o início ou a “intuição condutora” de minhas pesquisas até sua consolidação em 2008.

A ideia de raridade do fenômeno da comunicação rendeu um significativo debate entre Ciro Marcondes Filho e José Luiz Braga, em textos publicados sobretudo na revista *Matrizes*, da USP, entre 2010 e 2014. Retornaremos a essa rica e histórica polêmica, neste trabalho.

O investimento de Marcondes Filho no estudo da filosofia ao longo da história e dos autores contemporâneos em geral não pode ser subestimado. Sua pertinácia por construir um conceito forte de comunicação, que desse base para uma teoria nova e atual, é claramente demonstrada da enorme erudição construída ao longo de 30 anos de estudos e debates.

O percurso foi marcado pela consulta ao pensamento antigo e às filosofias orientais, presentes no Tomo I, v. 3, da Nova Teoria, onde eu discuto os antigos e sua ideia de comunicação. Nessa mesma obra, discutem-se, em caráter introdutório, a teoria da percepção de Maurice Merleau-Ponty, em Henri Bergson e as concepções de Jean-François Lyotard, em Discurso, Figura.

O projeto revela sua extraordinária ambição logo nas primeiras linhas da Nota

Introdutória. A NTC seria “a primeira tentativa de agregar *todos* os fenômenos comunicacionais [...] sob um único e mesmo paradigma teórico e de pesquisa” (MARCONDES FILHO, 2010, p. 19), e, para isso, propunha uma ontologia e, também, uma nova epistemologia para a comunicação. Em outras palavras, **Ciro Marcondes** jamais se conformou com posições como a de **Braga** que considerou comunicação “aquilo que chamamos de comunicação no senso comum – nesse espaço, não precisa ser explicada” (BRAGA, 2016, p. 19).

O que é óbvio não satisfaz **Ciro Marcondes**. Então, ele foi às tradições eruditas do pensamento humano em busca do conceito. Esse esforço produz descobertas extraordinárias, até hoje não adequadamente valorizadas pelo campo. Do diálogo com o pensamento oriental e, especialmente, com o budismo, ele retira a ideia do “durante”, o “caminho do meio”, respaldado pela noção heraclitiana de movimento. Em plena articulação com essas ideias, de Heidegger, **Ciro Marcondes** adota o conceito de “acontecimento” (Ereignis), que ele traduz como “acontecimento-apropriação”, com um triplo significado: “acontecer, apropriar-se de, captar com o olhar” (MARCONDES FILHO, 2010, p. 112).

Sua trajetória pelos pensamentos de Husserl, Merleau-Ponty, Derrida e Bergson é fundadora de um diálogo bastante consistente com as fenomenologias da consciência e da percepção, os estudos de espacialidade e linguagem, e as questões da duração, da sucessão e do movimento.

Em seguida, a construção da NTC se dirige para o campo das reflexões provocadas pela teoria social crítica ou, especificamente, a Escola de Frankfurt.

Na seqüência, Tomo II, do v. 3, retoma-se a Escola de Frankfurt, revendo seus 4 principais pensadores: Horkheimer, Adorno, Benjamin e Habermas. Em seguida trago Klages, Lorenzer e Anders, autores pouco conhecidos no Brasil, mas de influência considerável na formação do pensamento crítico europeu em relação à comunicação e à cultura. Por fim, nessa mesma obra falo daqueles que eu denominei teóricos “neo-heideggerianos”, por suas concepções críticas em relação às imagens, aos mass media e à cultura contemporânea: Flusser, Kittler e Kamper.

A Escola de Frankfurt e sua influência sobre as ciências sociais no Brasil são por demais conhecidas. De Horkheimer e Adorno a Benjamin e Habermas, grande parte da formação à esquerda na sociologia e na ciência política do Brasil adveio dos conceitos frankfurtianos de primeira e segunda gerações. Na área da comunicação, não foi diferente, consignando o que os autores dos manuais de teoria da comunicação denominaram como sendo o “paradigma crítico” ou “dialético” (TEMER; NERY, 2004; POLISTCHUK; TRINTA, 2003).

Ciro Marcondes Filho, claro, percorre o caminho desses pensadores fundamentais, mas não se detém neles e perscruta outros autores alemães. Em Ludwig Klages, ele investiga um acontecimento que não coincide com o Ereignis heideggeriano, assim como a crítica de Klages àquilo que se opõe ao acontecimento, na fixação dos conceitos, das identidades e do “mundo dos objetos”, momento em que **Marcondes Filho** efetua uma interessante correlação com as teorias freudianas. Em Alfred Lorenzer, **Ciro**

Marcondes percebe uma fenomenologia de tipo “acontecimental” da percepção, construída contra Freud, na medida em que defende uma participação ativa do histórico e do social na constituição do psiquismo ou uma “produção social da inconsciência” (MARCONDES FILHO, 2011a, p. 173). E, por fim, Marcondes Filho avalia a “outra” indústria cultural, no pensamento de Günther Anders, que, junto com Marcuse, teria sido ignorado por Horkheimer e Adorno, mas, mais do que ele, seria esquecido também pelos intelectuais que vieram depois. Para Ciro Marcondes, Anders foi “um dos maiores pensadores da comunicação e da técnica do século 20” (MARCONDES FILHO, 2011a, p. 193), tendo influenciado Sartre, Sontag, Baudrillard, Flusser, Eco e Sfez, e teria sido o verdadeiro autor da famosa frase de McLuhan, “o meio é a mensagem”.

Em acréscimo, Marcondes Filho aborda a prolífera e original obra do tcheco naturalizado brasileiro Vilém Flusser, inserindo-o entre os “alemães”, e extraindo dele uma teoria praticamente completa da comunicação, desde os estudos da tecnoimagem até as questões de dialogicidade. No grupo da nova crítica alemã, Ciro Marcondes apresenta também os trabalhos de Friedrich Kittler, teórico saxão da literatura que se interessou pelos estudos dos meios técnicos, do qual Marcondes Filho destaca o desenvolvimento de uma “psicanálise cibernética” (MARCONDES FILHO, 2011a, p. 239). E, por fim, destaca-se Dietmar Kamper, em cuja noção de “quiasma”, uma “confluência que agrega opostos e paradoxais, junta consciente com inconsciente, desejados e não desejados”, Marcondes Filho enxerga um esboço do seu quase méto-

do, o metáporo (MARCONDES FILHO, 2011a, p. 288).

Essa sequência de resenhas, efetivada pela extraordinária erudição de Ciro Marcondes Filho, nem sempre está ligada por uma reflexão sistemática, que faz emergir conceitos ou opere escolhas com clareza teórica. Mas, revela um esforço de leitura e análise realmente invejável. Segundo o nosso autor, o passo seguinte de seus estudos passou a ser a complexa herança das teorias cibernéticas, da qual irá repontar Niklas Luhmann, uma das mais fortes influências sobre a NTC.

O volume seguinte, do Círculo Cibernético, joga novas luzes sobre o conceito de comunicação, retomado mais tarde pelo olhar de Luhmann, a saber, o do construtivismo radical, em pensadores que trabalham nos Estados Unidos do pós-guerra na pesquisa do funcionamento de nossa mente e das astúcias e ambiguidades da comunicação. A cibernética de segunda ordem irá separar comunicação de informação, questionar os usos que se dá a esses dois termos, dizendo que eles, em princípio, não existem, são relações constituídas entre indivíduos, que podem ou não acontecer.

O percurso é extenso. Marcondes Filho remete aos filósofos do Círculo de Viena e à *tournee linguistique* de Wittgenstein, para recuperar em seguida os autores principais das várias fases da teoria cibernética, que culminaram em Luhmann.

O primeiro deles é Heinz von Foerster, que exerceu enorme influência no pensamento marcondiano, especialmente pela contribuição que lhe trouxe à distinção entre

sinalização, informação e comunicação. Vem deste autor a ideia de que os sinais não carregam mensagem alguma, de que a informação não é coisa nem substância e de que uma teoria da comunicação não pode ser uma teoria do compartilhamento, pois os seres vivos são sistemas fechados, autorreferentes, razão pela qual “somente a aceitação do outro – da verdade da existência do outro – pode permitir que eu constitua a minha identidade” (MARCONDES FILHO, 2011b, p. 44).

Ao biólogo chileno Humberto Maturana, **Ciro Marcondes Filho** dedica boa parte do Tomo III da NTC. Após criticá-lo duramente por sua retomada cartesiana e nominalista, irá assumir sua ideia, também existente em Von Foerster, de que a linguagem não transmite informações, por ser, na verdade, um sistema de comportamento orientador. Mas discordará da ideia de que as palavras são apenas nós ou meras fabricações autistas dos organismos autopoieticos.

De fato, cada um diz o que diz e ouve o que ouve segundo sua própria determinação estrutural, mas o que ele diz ou o que ele ouve não são meras fabricações autistas de seu organismo autopoietico, são elementos de uma linguagem compartilhada. (MARCONDES FILHO, 2011b, p. 83).

Gregory Bateson, dentro desse mesmo cenário, trabalhará a comunicação como um jogo, em que sua compreensão deverá ser dar a partir do deciframento dos componentes analógicos (a saber: das formas de enunciação) e não do caráter meramente verbal dos enunciados, seu componente “digital”.

A relevância de Gregory Bateson para a NTC pode ser considerada discutível. Afinal, Bateson defende que tudo se comunica e não é possível não se comunicar, na medida em que considera que comunicação é um comportamento e a recíproca também é verdadeira, isto é, comportamento é comunicação. Como não é possível não se comportar, não é, igualmente, possível não se comunicar.

Nesse sentido, **Marcondes Filho** evidencia sua discordância teórica:

O corpo está sempre se comunicando, dizem eles. Talvez mais correto seria dizer que o corpo está sempre emitindo sinais, já que, segundo a forma de definir a comunicação adotada nesta obra, a comunicação pressupõe a troca mais densa, com resultados novos entre os comunicantes e uma percepção homóloga das consciências. (MARCONDES FILHO, 2011b, p. 112).

Entretanto, **Ciro Marcondes Filho** submete as categorias de Bateson aos critérios da NTC, ao identificar o que define como emissão de sinais às formas analógicas em Bateson, caracterizadas por um processo primário do psiquismo, tanto quanto as manifestações inconscientes.

A maturação maior da Nova Teoria – e em complemento com o que veio evoluindo dessas discussões anteriores – vem com o tomo seguinte do volume 3 da Nova Teoria, Tomo 4, em que entram em discussão o diálogo, a alteridade, o sagrado, trazendo Levinas, Buber, Bataille e Foucault. O cerne da proposta da Nova Teoria constitui-se dessa con-

jugação das teses do Círculo Cibernético naquilo que conflui para as proposições dos autores que falam do diálogo, da alteridade, do rosto e do olhar.

A articulação comunicacional da cibernética de sistemas com a filosofia da alteridade é uma das grandes e mais originais realizações eruditas de Ciro Marcondes Filho. E mais: é algo que somente um pensamento em comunicação poderia fazer. A obra teórica é monumental, tanto quanto difícil, pois se trata de forjar um conceito de comunicação que seja capaz tanto de atender à exigência cibernética do fechamento sistêmico, isto é, de que não há comunicação entre os sistemas estruturalmente fechados, quanto de considerar a possibilidade da ética, da responsabilidade, do amor e da transformação na interação intersubjetiva.

E ele obtém isso pela percepção de que a noção cibernética não é senão a infinitude do outro, ante o qual ocorre a “irritação” no âmbito do acoplamento estrutural dos sistemas entre si, que, na filosofia levinasiana, é o “rosto” do outro, algo inatingível que, no entanto, eu percebo e que me convoca à responsabilidade, à entrega, ao perder-se do amor sem conteúdos (MARCONDES FILHO, 2011c).

A ideia de comunicação como transformação de mim, como permissão para a penetrabilidade indizível e profunda, estava pronta. Restava-lhe apenas constituir-se como teoria da comunicação capaz de conferir-lhe a legitimidade das ciências humanas. E este será o empreendimento seguinte de Ciro Marcondes Filho.

O último tomo do Volume 3 tenta fundir esse conjunto de proposições numa lógica

que pretende dar sustentabilidade a uma visão da comunicação que lhe garanta uma certa legitimidade epistemológica nas ciências humanas. A obra é dividida em duas seções distintas: a ontológica e a epistemológica. A primeira tem como “sugestão empírica” a obra de Marcel Proust, Em busca do tempo perdido. A segunda conta com Lewis Carroll e Alice no país das maravilhas e Através do espelho.

É no Tomo V que se encontra de fato o núcleo amadurecido da NTC. Metade deste livro é exclusivamente dedicada ao conceito de comunicação (denominada por ele de seção “ontológica”), e a outra metade, às discussões epistemológica e metodológica do enorme esforço teórico empreendido.

A primeira parte faz a separação entre os conceitos de sinalização, informação e comunicação, trata da alteridade, do extralinguístico, do sentido e da razão durante. A segunda parte trata da pesquisa da comunicação entrosada com essa proposta teórica, a saber, o metáporo, considerando as formas de pesquisa em diferentes cenários e contextos.

O vigor da Nova Teoria

A consistência da NTC é indiscutível e se revela em pelo menos dois sentidos. O primeiro, extraído de uma imensa trajetória de estudos sobre praticamente todo o repertório de conhecimento da civilização humana, pervadindo inclusive algumas tradições orientais, é o desenvolvimento de um conceito forte de comunicação. Trata-se da noção de comunicação como relação dialógica ao outro (Lévinas), como abertura do

Ser (Heidegger), como abertura ao mundo (Merleau-Ponty), como encontro erótico (Bataille), como percepção para as formas do sentir (Kamper) ou como conversa cósmica (Flusser).

Trata-se não apenas de uma interação especial ou uma tipologia ao sabor aristotélico, e sim um evento, um acontecimento, a partir da formulação de Heráclito atualizada por Heidegger, na qual a ideia do sentido, tal como proposta por Deleuze, ultrapassa as ideias languageiras da designação (o que se fala), da manifestação (quem fala) ou da significação (do que se diz), mas “remete a uma dimensão já não mais linguística” e que remete à dimensão de “como eu sinto” (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 83).

A dimensão do sentido é a do Acontecimento, que ocorre dentro da temporalidade da razão durante: “o sentido não existe a priori, não é algo que está lá por antecipação, **mas algo que se constrói no evento do acontecer da coisa**” (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 84, grifos do original).

Razão durante é o princípio segundo o qual o acontecimento comunicacional tem sua existência, seu efeito e sua força na fração de tempo exata de sua realização [...]. Daí, o caráter contingente, permanentemente transitório do acontecimento comunicacional [...]. Sem começo nem fim, espécie de vetor, veículo, sentido, direção, seta do tempo, índice de movimento e de transformação. [...] Razão durante é a interpretação da comunicação como fenômeno que ocorre enquanto estamos vivendo. (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 91-92).

O debate sobre o Acontecimento, em Marcondes Filho, é repleto de erudição. Ele tensiona a noção de *Ereignis* em Heidegger e o conceito de *événement*, de Deleuze, para referir-se à ligação entre o que foi descrito como uma ocorrência fora de toda a trivialidade para demarcar o “si próprio” e a ideia do ser em movimento, que pode ser propiciada mesmo depois da técnica, sob o império da razão e da racionalidade. A noção de evento em Deleuze, para ele, tem a mesma significação do noema, de Husserl, e remete à questão da temporalidade em Merleau-Ponty, à do espaço vazio aberto pelo desejo em Lyotard e, sobretudo, ao espírito da alteridade de Lévinas e à ideia de impacto, surpresa e transformação de Klages.

Nessa confluência, **Ciro Marcondes Filho** ultrapassará a abrangência de seu tratamento ao conceito de comunicação do restrito espaço da relação interface, para alcançar a comunicação irradiada (veículos tradicionais de “massa”) e a comunicação espectral (virtual, articulada pela internet). É então que Marcondes Filho rompe com o esquematismo cibernético de Luhmann, sem, contudo, dispensá-lo, para abranger, de forma crítica, os conceitos habermasianos de opinião pública, esfera pública, engajamento e mudança social, num guarda-chuva conceitual amplo que ele denomina “contínuo atmosférico comunicacional”, marco da nova realidade medial das sociedades (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 105 e seguintes).

No âmbito da comunicação irradiada, o contínuo se subdivide em três subsistemas de funcionamento: o entretenimento, que é operacional; a publicidade, como subsistema de manutenção; e o jornalismo, sistema de alarme. Cada um deles funciona com

uma lógica própria e tensiona modos reguladores, que provêm dessas regras de atuação, e efeitos desreguladores, advindos dos produtos, quando promovem a desestabilização social (livros, filmes críticos etc.).

Ao mesmo tempo, a comunicação espectral disputa espaço no contínuo mediático atmosférico através da internet, que opera fornecendo acesso e incorporando alterações na qualidade da comunicação. Nesse ponto, Ciro Marcondes Filho percebe a insuficiência dos teóricos clássicos, como Luhmann e Habermas, na inconsistência de seus conceitos para dar conta de um “espaço do jogo lúdico com a escrita e a linguagem em geral, de um tagarelar sem acoplamento necessário com uma significação” ou de “uma atividade que vive somente da própria **performance** e não obrigatoriamente de alguma necessidade de comunicar” (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 161).

Nessa esteira, Marcondes Filho irá buscar novos valores para se pensar a comunicação no âmbito do afeto e das imagens, escapando dos reducionismos manipulacionistas de certas tradições de pensamento.

O mundo das imagens nos torna cegos. Cegos e incapazes da percepção de outro mundo que não o dos espelhos e das imagens que se repicam a si mesmas. Mundo alucinante e frenético. Aparentemente, o único mundo. Mas não. Há outros mundos possíveis, que não precisam ser as imagens de devastação, miséria, do branco, preto e cinzento das cidades destruídas, como sugere *Matrix* (Wachowski, 1999). Um mundo onde as imagens são vistas com economia, porque têm de dar

espaço a outros sentidos a serem superados. Sentidos que são a única resistência, nossa arca de Noé diante dessa inundação absoluta e incontível de nossas vistas cansadas. (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 188-189).

Eis que o forte conceito de comunicação proposto constitui uma teoria que se abre para a diferença, para o novo, para o emancipatório. E, nesse desdobramento, produz o segundo sinal de vigor teórico e, desta vez, caracterizadamente epistemológico: o seu próprio método – ou “quase método”, como gostava de afirmar o próprio autor –, o **metáporo**. Ou, como disse o próprio autor, “o Princípio da Razão Durante constitui-se de uma ontologia e de uma epistemologia” (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 191).

A ideia do metáporo como desdobramento da NTC não é trivial. É exatamente a especificidade do conceito de comunicação que leva Marcondes Filho a buscar uma prática de pesquisa que lhe seja adequada. O debate epistemológico é claro, correto e justo: um sentido de comunicação como uma processualidade performática, situada no tempo presente – o princípio da razão durante –, impede que o objeto possa ser percebido como coisa. Como um filme, a comunicação seria como a narrativa, que estaria não no congelamento de um ou outro frame, e sim na passagem deles, sendo, pois inapreensível por definição fora do movimento que a torna possível.

Esta condição leva Ciro Marcondes Filho a contestar o próprio conceito de “método”, que ele identifica como “caminho já traçado” (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 191), e buscar um caminho do meio, um “quase método”. Trata-se de

um programa ambicioso de pesquisa, pois busca romper tanto com o “aprender” das ciências empírico-analíticas, quanto com o “compreender” das ciências histórico-hermenêuticas. Aliás, é bastante significativo que ele, neste ponto, afirme que o trabalho de compreensão caberia às ciências correlatas, que ele denomina, sintomaticamente, de “paracomunicacionais”: “a sociologia, a história, a psicologia, a psicanálise e as teorias linguísticas, semióticas e semiológicas” (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 194).

Ciro Marcondes pretende uma ciência do transitório, do efêmero, do instável, da impermanência e da imprevisibilidade. E, nesse sentido, inspira-se na tese doutoral de uma orientanda sua, Danielle Naves de Oliveira (2006), para estabelecer a noção epitelial de “poro” como lugar do quase-método. A ideia é a de que os procedimentos de pesquisa sejam uma forma de desbravamento, no sentido de Derrida, ou de passagem, um “entre-ser”, como a pele, que “supõe um ato de permitir o acesso, de deixar entrar, de liberar, de hospedar o outro, de me atravessar” e no qual “o próprio observador se ‘porifica’” (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 263).

Pesquisar aquilo que não se conhece, o que está sempre em movimento, um objeto que nos foge a todo momento, que nos escapa pelos dedos, pesquisar o transitório, essa é a estratégia metapórica. É um novo olhar ao evento comunicacional, é igualar-se em sua velocidade, é sentir e pensar, viver e trabalhar o vivido, ter a experiência no próprio corpo e dela extrair descrições, relatos, exposições, textos; transfor-

mar o vivido em depoimento, em testemunho vivencial. (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 263).

Em seguida, **Ciro Marcondes Filho** passa ao trabalho de apresentação e busca por interlocução de sua proposta teórica e metapórica. Nos anos seguintes, promoveu eventos, acionou alunos desde a graduação para a produção de experiências vivenciais e relatos metapóricos e, sejamos justos, colheu muito pouco. Ou, pelo menos, muito menos do que esperava colher.

Todo esse trabalho foi exposto à comunidade acadêmica no seminário “10 anos FiloCom nos 44 Anos de ECA: A proposta da Nova Teoria da Comunicação”, de 2010, em que colegas eminentes de várias partes do país foram convidados para debate a proposta, além de convidados internacionais.

Em uma aula-debate promovida por **Ciro Marcondes**, a convite do autor deste artigo, ao PPGCOM da Universidade Federal de Goiás, no dia 31 de agosto de 2020, cerca de três meses antes de sua morte, ele respondeu a uma pergunta sobre a recepção da NTC e, na oportunidade, comentou os resultados desse seminário:

O seminário foi muito interessante, em termos de palestras e exposições, mas eu constatei que ninguém, na verdade, se preparou para esse seminário ou se preparou para comentar a Nova Teoria. As pessoas foram para falar de seus próprios projetos. E daí [...] ela não teve o resultado que eu imaginava

e que eu gostaria que tivesse. No ano seguinte, eu encaminhei à Compós² o primeiro texto, já comentando as pesquisas feitas sobre a Nova Teoria e isso repercutiu mais do que o evento que eu desenvolvi [...]. Nos anos seguintes, quase todos os anos, eu venho com uma nova pesquisa metapórica, que tem a ver com a nossa proposta teórica, tentando comprovar aos colegas que essa pesquisa tem a mesma seriedade, a mesma acuidade, é uma pesquisa que traz informações, novidades, dados importantes e é qualitativa. Então, eu senti que demorou e continua demorando... eu acho que até agora ainda a área não absorveu, não digeriu a Nova Teoria. (MARCONDES FILHO, apud SIGNATES, 2020, 22min33-25min10).

Reverberações e atualizações da Nova Teoria da Comunicação

A pouca fortuna crítica de Ciro Marcondes à NTC certamente não se deveu à falta de esforço dele. Enquanto viveu, ensinou, participou de eventos, dentre os quais privilegiou o GT Epistemologia da Comunicação, e publicou respostas, revisões e debates. Em 2008, produziu o livro *Para entender a Comunicação: contatos antecipados com a Nova Teoria*, pela Editora Paulus, a principal editora de suas publicações mais recentes, objetivando o diálogo didático com estudantes de graduação. Em 2012, veio à luz a obra *Fascinação e miséria*

da comunicação na cibercultura, na qual ele tratará da questão da não comunicabilidade a partir de Winnicott e do espaço transicional, em Merleau-Ponty, além de textos sobre alteridade e as patologias da comunicação.

Um conjunto de respostas aos críticos, Ciro Marcondes reuniu no livro *Das coisas que nos fazem pensar*, de 2014. Na sequência, produziu livros em que buscou detalhar aspectos e sínteses da NTC, tais como *O rosto e a máquina* (2014), *Comunicação e as aventuras estranhas* (2017), *Comunicação ou mediologia?* (2018a) e *Comunicação do sensível* (2019), além de seu já conhecido *Dicionário de Comunicação* (2014), em cujos verbetes já assinala a visada da NTC.

De todos os debates entre Ciro Marcondes Filho e os intelectuais do campo brasileiro da comunicação, um deles despontou pela repercussão e pela extensão. Aquele que ele manteve entre os anos de 2010 e 2013 com o prof. José Luiz Braga, especialmente na revista *Matrizes*, da USP, centrado numa questão específica e peculiar da NTC: a da raridade do fenômeno comunicacional.

Quem deu início ao debate foi José Luiz Braga, motivado talvez pelo convite que lhe fizera Ciro Marcondes Filho de palestrar na USP, em evento promovido por ele, no qual procurava interlocução para as novas ideias. O texto de Braga foi uma crítica às cinco teses propostas no livreto *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?* (2004) e recebeu o título de “Nem rara, nem ausente – tentativa” (BRAGA, 2010). Contra a ideia de ra-

2 O texto a que se refere Ciro Marcondes teve o título “De repente, o prédio falou comigo: anotações sobre experiências metapóricas em Teoria da Comunicação” (MARCONDES FILHO, 2011d), foi apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação, em 2011, e relatado pelo autor deste artigo. A réplica aos comentários feitos por esse relato foi posteriormente publicada no livro *Das coisas que nos fazem pensar* (MARCONDES FILHO, 2014, p. 37-50).

ridade da comunicação, que **Ciro** defendia por conta da relevância que colocava nas consequências do fenômeno, para a definição do próprio conceito, **Braga** propunha a noção de que a interação comunicativa é uma possibilidade que, mesmo malograda, não deixa de ser comunicacional.

A réplica de **Ciro Marcondes Filho** viria no ano seguinte, com o texto, publicado na própria *Matrizes*, “Duas doenças infantis da comunicação: a insuficiência ontológica e a submissão à política. Uma discussão com José Luiz Braga”. Nesse texto, **Marcondes** acusa **Braga** de lidar com um conceito que, à época da publicação do livro, ainda era provisório e que já havia se desenvolvido – e, de fato, como vimos neste trabalho, o percurso de estudos, desenvolvimentos teóricos e publicações da NTC avançou em muito para além do livreto de 2004. Entretanto, **Ciro Marcondes** em sua réplica reafirmou a tese da raridade do fenômeno, ancorado na definição que lhe empresta, de interação “pela qual surge alvo verdadeiramente novo” (MARCONDES FILHO, 2011, p. 171).

De fato, em textos posteriores, **Ciro Marcondes Filho** evoluiu de um conceito de comunicação em que presumia a possibilidade de fugir à imposição comunicacional estabelecida pela sociedade da comunicação, para a noção de produção da alteridade, relacionada à emergência de “emoções novas, experiências novas, fatos que interfiram em nosso cotidiano criativamente para arejá-lo, renová-lo, refrescá-lo, ventilá-lo” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 88). A noção de raridade, contudo, manteve-se incólume.

Ciro Marcondes também contesta a ideia de “tentativa”, de **Braga**. Afirma tratar-se de um conceito pobre, pré-luhmanniano, de comunicação.

Ainda não saímos do jardim da infância discutindo que termos devemos usar, como sermos mais claros, de que recursos utilizar para que nosso interlocutor entre na mesma linha de sintonia conosco. O fenômeno da comunicação ainda está a léguas de distância. (MARCONDES FILHO, 2011, p. 174).

O veemente artigo de **Ciro Marcondes Filho** receberá uma tréplica de José Luiz Braga, novamente na *Matrizes*, em 2012, com o texto “Interação como contexto da comunicação”, no qual busca conferir clareza às concordâncias e discordâncias. **Braga** afirma não discordar da ideia de comunicação como mudança,³ mas procura não restringir o conceito a esse aspecto, e confere relevo ao que ele acredita serem os pontos em comum de ambos: a relação entre comunicação e interação, e a relevância da escuta para o processo comunicacional.

Uma forte discordância de **Braga** a **Marcondes** está no critério radical deste autor para a definição de comunicação, no sentido de ser um evento que é ou não é, que ocorre ou não ocorre, não havendo meios termos. Em **Braga**, há gradientes qualitativos, de valor, isto é, elementos de incerteza, de incontabilidade.

Jamais houve consenso entre ambos. No ano seguinte, em 2013, **Marcondes Fi-**

3 Em outro texto dessa época, sob o título “O que a comunicação transforma?”, publicado num livro organizado e aparentemente não lido por **Marcondes Filho**, **Braga** (2013) irá reforçar essa posição, afirmando concordar com ele, em relação à ideia de que a comunicação é transformadora e posicionando: “Embora não adote a exigência da radicalidade, considero que ocorre sempre um processo inevitável de solapamento e assoreamento posto em ação nas interações” (BRAGA, 2013, p. 156).

lho publicaria um último artigo, reafirmando a ideia da comunicação como um evento raro e citando Braga no resumo do trabalho. Sob o sugestivo título “Ensaio sobre a incomunicação”, trazido à luz pela *Revista da ALAIC*, em fevereiro de 2014. Entretanto, neste trabalho, o autor parece ter ignorado o texto de 2012 de Braga, já que republicou os mesmos argumentos de resposta contidos no artigo de réplica.

O debate escrito estava encerrado, mas prosseguiria em eventos, como o 1º Quinta Essencial, em 2014, evento do Filocom; a 6ª Aula Magna de Referência Interprogramas, promovida em 2016 pelo Fórum de PPGs em Comunicação de São Paulo, sediado na Faculdade Cásper Líbero, em conjunto com o 2º Quinta Essencial, do Filocom; as entrevistas concedidas por ambos à *Revista Panorama* da PUC-Goiás (RODRIGUES et al., 2017; BORGES et al., 2019); e, às vésperas de seu falecimento, o Seminário Internacional de Mídiatização, promovido pela Unisinos em outubro de 2020.

Considerações finais

Este trabalho procurou demonstrar uma tensão específica entre o desenvolvimento teórico do campo da comunicação no Brasil e a baixa recepção de uma teoria apresentada ao campo. Ante esta tensão, assume-se

aqui também a proposição de que a baixa fortuna crítica da NTC não se deve à falta de esforço do seu autor, nem ao vigor teórico da proposição que faz. Em nenhum intelectual, a caracterização definidora da comunicação como diferença e mudança encontra um nível tão alto de respaldo filosófico e, em geral, as teorizações geradas pelo campo ou em outros campos do saber raramente possuem consistência a ponto de se desdobrarem em propostas nos âmbitos epistemológico e metodológico.

Talvez seja possível dizer que a NTC represente não “a” nova teoria e sim, “uma” nova teoria. Isso porque, apesar de, com certeza, não ser uma obra exógena ao campo da comunicação, sequer toca o problema da dispersão teórica da área. Trata-se, certamente, de uma propositura teórica, que pode ser compartilhada com outros olhares, sem que precisemos de defendê-la contra os demais olhares.

Destarte, por representar uma vigorosa proposta teórica disponível e efetuar alguns debates e superações que devem ser levados a sério pelos estudiosos e pensadores em teoria da comunicação, a NTC possui qualidades que tornam possível defender que **não é possível não dialogar com** **Ciro Marcondes Filho e sua Nova Teoria da Comunicação**. Releituras, críticas, adoções parciais ou totais dos conceitos estabelecidos, trata-se de um esforço teórico irrenunciável.

Referências bibliográficas

BORGES, R; BORGES, D.; MOREIRA, S.; SIGNATES, L.; FÉLIX, N.; FERNANDES, L. C.; CUNHA, A. C. B. A comunicação como um processo cotidiano. Entrevista com José Luiz Braga. *Panorama*, v. 9, n. 2, p. 38-42, jul./dez. 2019.

BRAGA, José L. O que é comunicação? *Líbero*, v. 19, n. 38, p. 15-20, jul./dez. 2016.

BRAGA, José L. W. Interação como contexto da comunicação. **Matrizes**, v. 6, n. 1, p. 25-41, jul./dez. 2012.

BRAGA, José L. W. Nem rara, nem ausente – tentativa. **Matrizes**, ano 4, n. 1, p. 65-81, jul./dez. 2010.

BRAGA, José L. W. O que a comunicação transforma? *In*: BRAGA, J. L. W.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. **10 perguntas para a produção do conhecimento em comunicação**. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2013. p. 156-171.

FILOCOM. **Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação**. Site. Disponível em: <https://sites.google.com/site/ecafilocom/home/filocom>.

LUHMANN, Niklas. **A improbabilidade da comunicação**. Lisboa: Editora Vega, 2013.

LYOTARD, Jean-François. **The postmodern Condition: A Report on Knowledge**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.

MARCONDES FILHO, **Ciro J. O espelho e a máscara: o enigma da comunicação no caminho do meio**. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

MARCONDES FILHO, **Ciro J. Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2004.

MARCONDES FILHO, **Ciro J. Para entender a comunicação: contatos antecipados com a Nova Teoria**. São Paulo: Paulus, 2008.

MARCONDES FILHO, **Ciro J. Comunicação**. *In*: **Dicionário da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009. p. 86-89.

MARCONDES FILHO, **Ciro J. O princípio da razão durante: comunicação para os antigos, a fenomenologia e o bergsonismo: nova teoria da comunicação III**. São Paulo: Paulus, 2010. Tomo I.

MARCONDES FILHO, **Ciro J. O princípio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica: nova teoria da comunicação III**. São Paulo: Paulus, 2010a. Tomo V.

MARCONDES FILHO, **Ciro J. Duas doenças infantis da comunicação: a insuficiência ontológica e a submissão à política. Uma discussão com José Luiz Braga**. **Matrizes**, v. 5, n. 1, p. 169-178, jul./dez. 2011.

MARCONDES FILHO, **Ciro J. O princípio da razão durante: da Escola de Frankfurt à crítica alemã contemporânea: nova teoria da comunicação III**. São Paulo: Paulus, 2011a. Tomo II.

MARCONDES FILHO, **Ciro J. O princípio da razão durante: o círculo cibernético: o observador e a subjetividade: nova teoria da comunicação III**. São Paulo: Paulus, 2011b. Tomo III.

MARCONDES FILHO, **Ciro J. O princípio da razão durante: diálogo, poder e interfaces sociais da comunicação: nova teoria da comunicação III**. São Paulo: Paulus, 2011c. Tomo IV.

MARCONDES FILHO, Ciro J. De repente, o prédio falou comigo: anotações sobre experiências metapóricas em Teoria da Comunicação. **Anais do 20º Encontro Anual da Compós 2011**, GT Epistemologia da Comunicação. Porto Alegre: UFRGS, 14-17/06/2011d.

MARCONDES FILHO, Ciro J. **Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MARCONDES FILHO, Ciro J. Ensaio sobre a incomunicação. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 9, n. 17, p. 40-49, 2014.

MARCONDES FILHO, Ciro J. **Das coisas que nos fazem pensar**: o debate sobre a nova teoria da comunicação. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.

MARCONDES FILHO, Ciro J. **A arte de envenenar dinossauros**. Brasília: Casa das Músicas, 2014.

MARCONDES FILHO, Ciro J. **O rosto e a máquina**: o fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico. São Paulo: Paulus, 2014.

MARCONDES FILHO, Ciro J. **Comunicação e aventuras estranhas**: ensaios sobre arte, cinema, filosofia e comunicação. São Paulo: ECA-USP, 2018.

MARCONDES FILHO, Ciro J. **Comunicação ou mediologia?** A fundação de um campo científico da comunicação. São Paulo: Paulus, 2018a.

MARCONDES FILHO, Ciro J. **Comunicação do sensível**: acolher, vivenciar, fazer sentir. São Paulo: Portal de Livros Abertos da USP, 2019.

OLIVEIRA, Danielle N. **Poros** – ou as passagens da comunicação. Tese (doutorado) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2006.

POLISTCHUK, Ilana; TRINTA, Aluizio R. **Teorias da comunicação**: o pensamento e a prática da comunicação social. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

RODRIGUES, A.; CUNHA, A. C.; COELHO, B.; GOOS, C.; IZIDORO, C. Z.; ALEIXO, C.; VIANA, C.; BORGES, D.; COVEM, E.; DE LISITA, E.; HIDEMI, L.; FERNANDES, L. C.; FÉLIX, N.; QUITERO, P.; BORGES, R.; MOREIRA, S. Comunicação: um evento raro e improvável. Entrevista com Ciro Marcondes Filho. **Panorama**, v. 7, n. 2, p. 42-45, ago./dez. 2017.

SIGNATES, Luiz. **Epistemologia da comunicação**: Aula 10 – Nova Teoria da Comunicação. Debate com Ciro Marcondes Filho. Vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HknkW6MqqZ8&t=1519s>

SIGNATES, Luiz. Por uma metateoria das tensões comunicacionais: fundamentos para um objeto metateórico da comunicação. **Compós 2022 – GT Epistemologia da Comunicação**. São Luiz – MA: UFMA, 2022.

TEMER, Ana C. R. P.; NERY, Vanda C. A. **Para entender as teorias da comunicação**.
Uberlândia: Aspectus, 2004.

 Data do recebimento: 15/05/2022

Data do aceite: 15/06/2022

Dados do autor

Luiz Signates

Docente efetivo do PPG Comunicação da Universidade Federal de Goiás e do PPG Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Doutor em Comunicação (ECA-USP).